

As “Gouchinhas” de Aljustrel¹

Durante os serões de Inverno, em Aljustrel, quando o tempo está seco, juntam-se três rapazes solteiros e, enquanto dois espreitam, cada um por seu lado, o terceiro, o de melhor voz e maior ousadia, *apregoa a gouchinha*.

Se um deles pressente alguém assobia, para dar o sinal combinado, correndo todos a esconder-se em qualquer sítio encoberto.

As *gouchinhas* deitam-se, geralmente, do alto do monte de Nossa Senhora de Castelo, não sendo esporádico fazê-lo junto dos *manturos* (medas de lenha) dos quintais e junto das *cercas* das habitações, quando pretendem ser ouvidos por aqueles, que são directamente referidos.

Neste caso, o *goucheiro* toma a precaução de modificar a tonalidade da voz, se não quiser introduzir na boca uma *pipa* feita do caule verde de qualquer gramínea, cuja utilização irrita mais as pessoas atingidas.

Tendo por fim espalhar *novidades*, castigando os abusos e os maus costumes, as *gouchinhas* têm, por vezes, a intenção generosa de fazer um aviso, ou declarar amor a uma rapariga, quando o namorado não tem coragem para o fazer de uma forma directa.

Constituindo, certamente, a supervivência de um costume muito primitivo, a *gouchinha* tanto castiga quando apregoada, como na soada melíflua e branda junto da porta do quintal.

E tudo a *gouchinha* descobre. É vulgar ouvir dizer, quando certa mãe repreende a temeridade de uma filha:

- «Olha o *ajo* (desgosto)! *Nã t'acanhastes* nada! *Dêxa* vir as *gouchinhas*, que logo a *famila* fica a saber o *pêco* (defeito)!...»

Diz-se também, por motivo de um dano causado na capoeira das galinhas:

- «*Dêxe* lá, *nã s'apoquente*. Em vindo o tempo das *gouchinhas*, logo a gente sabe quem *nas ròbou*...»

Exemplifiquemos com algumas *gouchinhas* que recolhemos:

- «*Onte à noute*... quando a '*Strudes* vinha da monda... ò canto (esquina) da *ti Amaila*... soou um grande *bêjo*!...»

- «*Onte à noute*... o namoro da Palmira... abalou com ela *pró Vale d'Oca*!... O *qu'eles* *fazerem* *nã sei*!...»

- «*Onte à noute*... a moça que *tava conversando* (namorando) ò postigo... apanhou uma grande sova da mãe!...»

¹ Retirado de “As «Chacotas» de Almodôvar e as «Gouchinhas» de Aljustrel” de Margarida Ribeiro, 1967, Porto. Texto cedido por Francisco Colaço.

- «Ó Mari Benta... o Manel Ferreiro gosta de ti... Não te faças grande... Não le vires a cara...»

- «Há *prà i* um *home*... que todos os dias *jenta* bem... Arrecadem as galinhas!...»

Este costume devia estar mais generalizado, entre o povo. Em Arrifana (Azambuja) e Arcena (Vila Franca de Xira) verificámos, ainda há poucos anos, a tradição de apregoar, de um sítio alto, durante o Inverno, certas coisas observadas pelos rapazes, e no concelho de Avis, na freguesia do Ervedal, ainda há 25 anos, os rapazes ousavam *gouchanar*, ou *dar gouchinhas*, como ali se diz, junto das portas, com uma voz melíflua e arrastada, contando certos pormenores, que se julgavam ignorados...